

7. Cristo, Nosso Sacrifício (4º. Trimestre de 2013—O santuário)

Material bíblico: Is. 53:2-12; Hb. 2:9; 4:15; 9:12, 26-28; Êx. 12:5; 1 Pd 2:24.

Citações

- Eu quase estremeço com a alusão ao exemplo mais fatal da intensificação de dor que a história da humanidade preservou: a cruz. Considerem que calamidades aquela máquina de tristeza produziu! *John Adams*
- Os cristãos dizem que, entre os antigos judeus, se você cometesse um crime, tinha que matar uma ovelha. Agora eles dizem “Pode cobrar. Coloque no cartão de crédito. O Salvador vai pagar”. Desta forma, a malandragem se vende a crédito, e o sistema de crédito, em termos morais, como no mundo dos negócios, produz extravagância. *Robert Ingersoll*
- Eu não quero que ninguém morra por mim. *Ted Turner*
- Nossa tendência, em meio ao sofrimento, é nos voltarmos contra Deus. Encher-nos de raiva e amargura, agitando o punho contra o céu e dizendo: “Deus, você não sabe o que estou passando! Você não entende! Você não tem ideia do quanto isso dói”. A cruz é o jeito de Deus responder todas as nossas acusações, desculpas e argumentos. Na cruz, Deus vira carne e sangue, e diz: “Eu também estou sofrendo”. *Rob Bell*
- Pecamos por nenhuma outra razão senão por uma incompreensível falta de amor, e Ele nos salvou por nenhuma outra razão a não ser por um excesso incompreensível de amor. *Peter Kreeft*
- Antes que possamos ver a cruz como algo feito por nossa causa, temos que vê-la como algo feito por nós. *John R. W. Stott*
- Deus escolheu salvar o mundo por meio da cruz, pela morte vergonhosa e impotente do Messias crucificado. Se esse evento chocante é a revelação da verdade mais profunda sobre o caráter de Deus, então toda a nossa maneira de ver o mundo vai virar de cabeça para baixo... todos os valores serão transformados ... Deus se recusa a jogar jogos de poder e prestígio em termos humanos. *Richard Hays*

Perguntas

Qual é o significado do sacrifício de Jesus? Que questionamentos e indagações a morte de Jesus na cruz responde? Qual é a ligação entre o sacrifício e a salvação? Existe alguma inferência de que Jesus é executado por Deus? Por que Jesus morreu? “Para que” serviu Sua morte? Como você explicaria a diferença entre a cruz e um sacrifício pagão?

Resumo bíblico

Isaías 53 é o clímax da mensagem do “profeta evangélico”, apontando para o servo sofredor que morre por nós. Hb. 2:9 nos diz que Jesus foi glorificado e honrado por causa de Sua morte, que ele provou por todos nós. Hb. 9:26-28 (FBV) explica que “no final da presente época, Ele veio para remover o pecado, sacrificando a si mesmo. Assim como os seres humanos só morrem uma vez e, depois disso, são julgados, assim também ocorre com Cristo, tendo sido sacrificado uma vez para tirar os pecados de muitos, Ele vai voltar, não para lidar com o pecado, mas para salvar os que esperam por ele”. Jesus entrou no santuário pelo Seu próprio sangue, cf. Hb. 9:12. Êx. 12:5 explica que os animais são aceitáveis como sacrifícios. Jesus é o nosso sumo sacerdote que foi tentado como nós somos, mas sem pecado (Hb. 4:15). “Ele tomou sobre Si os nossos

pecados em Seu corpo sobre a cruz, para que pudéssemos morrer para o pecado e viver em retidão. Por Suas chagas somos curados” (1 Pd. 2:24, FBV).

Comentário

Muitas teorias de expiação têm sido propostas. Cada uma pode ter algum elemento de verdade, mas, inevitavelmente, cada uma delas tem problemas, especialmente quando levada ao extremo. Por exemplo, a “teoria do resgate” tem apoio bíblico, mas acaba ruindo quando você pergunta: a quem o resgate foi pago? qual foi a moeda usada? quem aceitou o contrato? e assim por diante.

A mesma coisa acontece com as ideias de “expiação substitutiva”. Todos nós podemos afirmar: “Jesus morreu por mim”. Mas exatamente como isso foi feito pode levar a alguns mal-entendidos inevitáveis. Por exemplo, não se trata, de fato, de uma negação da justiça, divina ou humana, fazer valer a interpretação jurídica de que Jesus é um substituto para uma pena de morte merecida por outros? Que tipo de justiça existe em matar uma pessoa pelos crimes dos outros? Em vez de defender a lei e a justiça, como muitos sustentam, tal ideia faz exatamente o oposto. Nenhum tribunal humano aceitaria tal transferência, e a justiça de Deus é certamente maior do que a nossa. A ideia de que Deus executa o Filho para satisfazer a Si mesmo ou a alguma exigência da justiça é terrível. Que “lei” diria que a execução de um inocente absolve os crimes dos culpados?

Muitos têm ficado chocados com tais ideias pervertidas da justiça. Tomem-se apenas esses três exemplos:

A base de sua religião é a injustiça. O puro, imaculado e inocente Filho de Deus se sacrifica pelo culpado. Isso Lhe prova o heroísmo, mas não acaba com o pecado do homem mais do que um estudante se oferecendo para ser açoitado no lugar de um aluno estúpido iria desculpar o burro de sua negligência. *Lord Byron.*

A cruz não é nada menos do que uma injustiça monumental: Jesus é punido sem o merecer por um Deus que não é nada mais do que injusto. *Victor Shepherd.*

Pois que justiça há na morte cheia de sofrimento de Jesus em favor do pecador, quando Ele era o mais justo de todos os homens? Que homem, se condenasse o inocente para libertar o culpado, não seria julgado digno de condenação? E, assim, o assunto parece retornar à mesma incoerência que mencionei acima. Porque, se Ele [Deus] não pode salvar os pecadores, de outra forma a não ser condenando o justo, onde está a Sua onipotência? Se, no entanto, ele pode, mas não quer, como vamos sustentar a Sua sabedoria e justiça? *Boso para Anselmo, em Cur Deus Homo.*

Note-se que em nenhum lugar a Escritura diz que Jesus foi castigado por Deus como nosso substituto. Jesus certamente experimentou as consequências de “ser feito pecado”, mas esse é um conceito muito diferente da ideia de execução judicial e substitutiva. Hb. 9:28 é um exemplo das declarações bíblicas que afirmam que Cristo tomou os nossos pecados, demonstrando as consequências do pecado: morte e separação de Deus. Mas isso é uma consequência intrínseca da natureza autodestrutiva do pecado, não a pena imposta por uma Divindade ofendida. Enquanto todos nós

podemos ver os diferentes aspectos da expiação, é essencial que rejeitemos as ideias que reforçam as acusações do diabo contra Deus: que Ele é severo, rancoroso, arbitrário, cruel e assim por diante.

Precisamos também abordar a questão do sangue. Explicando o papel do sangue nas cerimônias do santuário, Hebreus afirma que este foi ineficaz na remoção de pecado (10:4). Aplicando a imagem e símbolo, Hebreus afirma que Jesus tomou o seu próprio sangue e conseguiu para nós a salvação (9:12-14). Aqui o termo “sangue” é usado de forma intercambiável com a “morte” de Jesus (ver, por exemplo, 10:19), e o simbolismo do sangue é realmente uma senha para “vida e morte de Cristo”, toda a missão de Cristo.

Alguns se perguntam sobre o sangue e como ele “funciona”. A verdade é que a hemoglobina não pode salvar! Quando se trata do relato histórico da crucifixão de Jesus, há pouca menção de sangue. A salvação não está no sangue físico, mas em Jesus “dar a Si mesmo para e por nós”. O recurso usual é citar Hb. 9:22, que na verdade diz: “De acordo com a lei cerimonial, quase tudo é purificado com sangue, e sem derramamento de sangue nada se torna ritualmente livre da mancha do pecado” (Hb. 9:22, FBV). Isto se dá no contexto mosaico da aspersion de sangue no santuário e faz parte do sistema cerimonial. A passagem só se aplica ao sacrifício de Jesus por extensão e apenas simbolicamente.

Como Deus disse do sangue pintado nas ombreiras das portas da Páscoa: “o sangue vos será por sinal” (Êx. 12:13). Uma senha, um sinal, um símbolo entre Deus e o Seu povo. O “sangue da aliança” (Êx. 24:8) que confirmava a sua relação especial com Deus. O sangue físico não tinha nenhum significado de si mesmo. O sangue era visto como a fonte da vida (Lv. 17:14; Dt 12:23, etc) e se tornou, por isso, uma metáfora muito significativa na relação da humanidade com Deus, mas não havia nada real no sangue que fizesse qualquer coisa.

Todo o sangue do mundo não faria nenhuma diferença para as mentes daqueles que não olhassem além do ritual. Sacrifícios não podem salvar. O sangue não pode salvar. Só Deus pode salvar. Mesmo o sangue literal de Jesus não pode salvar, exceto quando simboliza toda a dádiva de Jesus de si mesmo por nós. O sangue de Cristo não era mais mágico do que o sangue de touros e bodes. É o que esse sangue significa que importa. A expressão “sangue de Jesus” expressa o seguinte: um retrato da grande bondade do nosso glorioso Deus salvador. Um símbolo da maneira como nos reconcilia com Ele e nos ganha de volta para Ele como amigos. Portanto, não mais “sangue mágico”, quer seja literal, quer seja espiritual. Deus nos salva e não a hemoglobina! Os símbolos são úteis, mas, no final, precisamos conhecer a Pessoa que diz: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”.

Comentários de Ellen White

O sacrifício de Cristo como expiação pelo pecado é a grande verdade em torno da qual se agrupam as outras. A fim de ser devidamente compreendida e apreciada, toda verdade da Palavra de Deus, de Gênesis a Apocalipse, precisa ser estudada à luz que dimana da cruz do Calvário. {**Obreiros evangélicos**, p. 315}

Séculos e eras nunca podem diminuir a eficácia de Seu sacrifício expiatório. Nem vida, nem morte, nem altura, nem profundidade, podem nos separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus, não porque nos apegamos a Ele com tanta firmeza, mas porque Ele nos segura com firmeza. Se nossa salvação dependesse de nossos próprios esforços, não poderíamos ser salvos, mas ela depende dAquele que está por trás de todas as promessas. {**Atos dos apóstolos**, p. 552}

Ninguém que crê em Jesus Cristo está sujeito em servidão à lei de Deus. Sua lei é uma lei de vida, não de morte, para aqueles que obedecem a seus preceitos. Todos os que compreendem a espiritualidade da lei, todos os que percebem seu poder como detector de pecados, estão numa condição tão impotente quanto a do próprio Satanás, a não ser que aceitem a expiação provida para eles no sacrifício restaurador de Jesus Cristo, que é nossa expiação, para unidade (*at-one-ment*) com Deus. { **Comentário bíblico adventista**, v. 6, p. 1077 }

Preparado em 28 de fevereiro de 2013 © Jonathan Gallagher 2013